

INFORMAÇÕES DE COMBATE

FERNÃO MENDES

Márcio José da Cunha Jardim

Fal. Fil. C. Humanas/História

Pediram-me em Florença que contasse os feitos meus e de meus companheiros nas terras estranhas de além-mar. É claro que esse interesse demonstrado por experiências de um cidadão como eu, estrangeiro e militar, em uma terra, a princípio, inimiga, me pareceu muito suspeito. Mas como na roda de cavalheiros só havia comerciantes de possibilidades limitadas, e, além disso, na maioria cidadãos sem qualquer vínculo militar, e meus amigos, não vi importância danosa a interesses nossos naqueles comentários. Desconfiava um pouco de um senhor gordo que não conhecia intimamente mas sabia ser oficial ou graduado reformado. Também, a minha língua solta-se depois de molhada em álcool e minha veia de discrição rebenta-se facilmente.

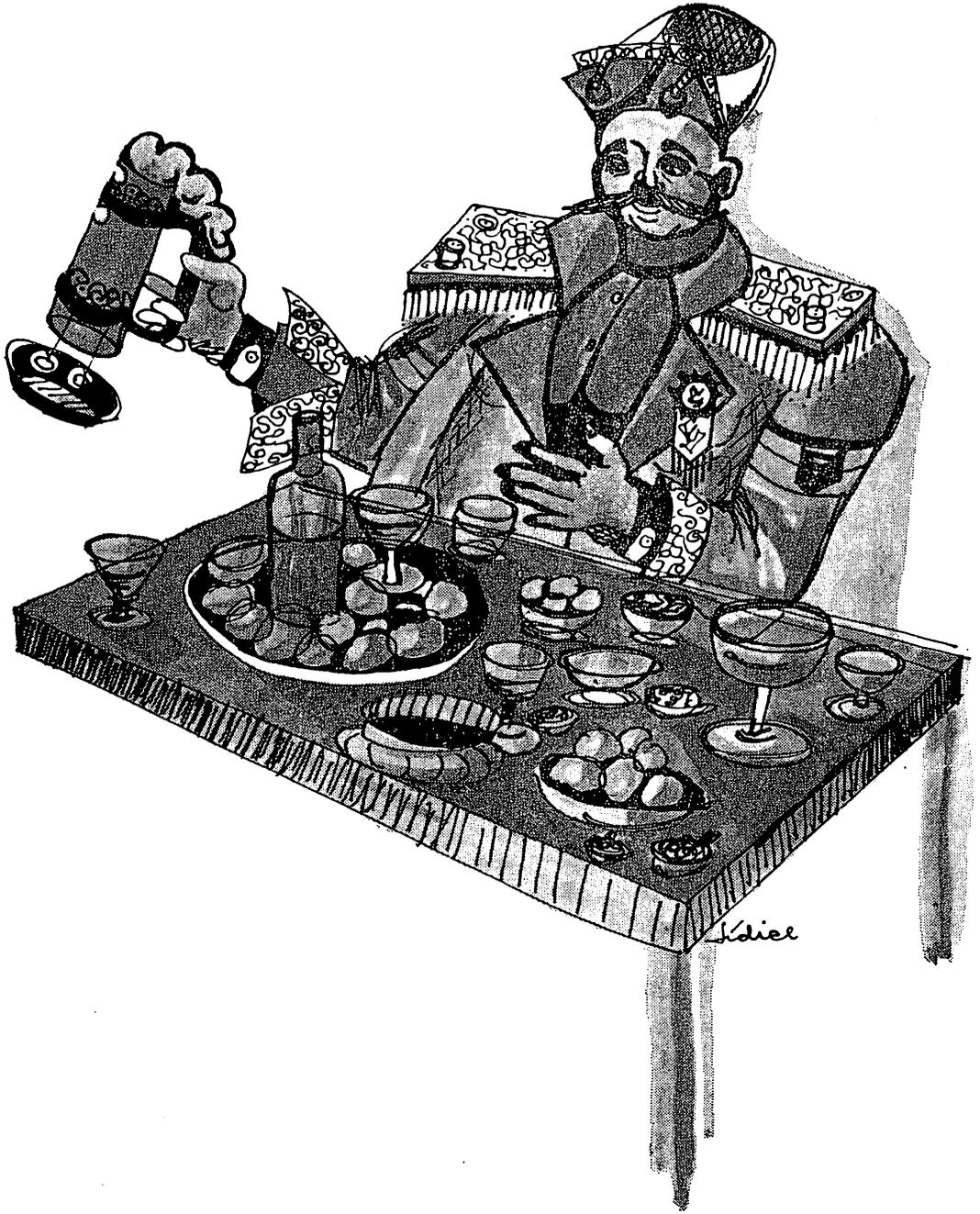
Surpreenderam-se os ouvintes com um fato que revelei logo no início dos relatos: a maioria dos navios encaminhados por nosso rei à terra dos bárbaros perdia-se antes de alcançar o objetivo. Sem querer, tinha dado conta a eles de uma grande fraqueza: nosso poderio bélico no momento da captura era reduzido e só tínhamos condição de vencer porque as bestas nativas reagiram com recursos inúteis — lanças ou archotes. Revelara, de passagem também, o vulto dos prejuízos que nos enfraqueciam de maneira atroz (Soubessem eles que esse des-

gaste era já tradicional e contínuo e a minha estupidez teria conseqüências ainda maiores).

Enquanto procurava reunir todas as coisas interessantes das conquistas, lembrei-me de um episódio especial cujo relato poderia servir como geral. Lembrava-me de todos os seus detalhes talvez porque tivesse agido como comandante ou porque acompanhara a ação passo a passo, durante os vários dias. O combate a que me refiro se deu no outro lado do mundo, numa ilha pequena, porém de importância estratégica fundamental para a conquista do continente dos bárbaros.

Fiz uma pequena explanação de aspectos logísticos e diplomáticos, de início. Ao chegarmos à vista de terra, encontrávamos-nos em grande parte desfalcados do poder de ataque. Mais ou menos dois terços da frota perdidos, com a conseqüente sangria em homens. Desse modo, após uma breve distribuição de forças por vários lados, sentíamos o valor de uma missão diplomática com fins de informação. Comentei a necessidade que sente um comandante de saber detalhes do que vai encontrar à frente, principalmente quando se trata de inimigos de guerra. Geralmente, as nossas missões duravam de dois a três dias ou horas apenas, dependendo da receptividade dos representantes nativos. Um bom agente permanece ao lado dos chefes fingindo amabilidades até o momento em que tem absoluta certeza de conhecer bem as suas possibilidades.

Hoje quando tento rememorar os fatos que narrei cada vez mais me lembro da riqueza de informações que entreguei à roda. A tática militar de captura que, invariável, se mostrava sempre eficiente foi a de estabelecer apoio de artilharia e tomar as elevações o mais rápido possível. Colocava os homens em posição e grandes balsas lançavam-nos à praia. Desembarcamos o maior número possível de pequenos canho-netes para apoiá-los e avançamos para o interior, atirando e gritando exageradamente como recurso de choque. Tomamos, muito facilmente, os montes próximos e desse ponto em diante, o resto era conseqüência fácil. No caso dessa ilha, chegamos ao requinte de encerrar a luta e exigir a rendição dos nativos.



Num determinado momento da narrativa, alguém estranhou que a resistência fosse tão fraca que permitisse desembarcar com facilidade e avançar sem obstáculos fortes. Expliquei então que esse era um fato que já vinha nos ajudando há muitos anos e que nunca encontramos oposição séria em qualquer parte do continente das riquezas. Acho que, a essa altura, grande parte das riquezas eu já as tinha perdido, quebrando o sigilo desses fatos. Conteí, até mesmo com orgulho, que o mais sacrificado dos militares na conquista da ilha tinha sido eu mesmo, tendo que gritar a toda força, correr de um lado para outro, impulsionando e orientando. A frase com que tinha resumido a ação foi fatal: um soldado com uma arma de fogo na mão valia por mil nativos. E nessas paragens, encontrar uma resistência de mil nativos era uma experiência rara.

Sentia-me bem contando a outras pessoas as minhas realizações e praticamente não escondi nenhum detalhe. Fui tão desastrado que, falando sobre a atitude que tomávamos para administrar e garantir a posse dos domínios, fui interrompido por aquele senhor gordo que pedia para prosseguirmos a conversa mais tarde e não percebi as segundas intenções do gesto. Alegando que já era hora da ceia e que os jantares italianos, eu sabia, eram os melhores da Europa e que eu poderia retomar mais descansado a narração após satisfazer a carne, convidou-nos a todos da roda a jantar em sua casa, onde teria prazer em receber-nos, e foi por aí se desmanchando em recursos. Aceitamos todos, enlevados, eu e os meus ouvintes, pela beleza das aventuras e também pelo ambiente criado pelo vinho e pelo clima ameno e desinibido da conversa.

Jantamos, é claro, regados os pratos com vinhos italianos a que eu não pude resistir. Com as pernas flutuando no espaço e a cabeça também, não dei atenção aos cavalheiros que foram introduzidos pelo anfitrião na roda e que se mantinham discretos e reservados. Acho que no decorrer da noite cheguei a por a mão no ombro de um deles e ser correspondido no gesto simpático.

Naquela noite fiz um relatório completo dos deveres, privilégios e provações de um comandante militar em uma terra con-

quistada. Creio ter enumerado todas as precauções de ordem militar, as de ordem administrativa e comercial. Não podia conter o prazer de descrever a construção de armazéns na costa e a satisfação que sentíamos ao ver saírem deles carregamentos enormes de madeira valiosa e outros produtos de valor incalculável na Europa. Nossa satisfação, diria eu, vinha em grande parte do fato de sabermos que tínhamos aquela grande fonte só para nós, que ninguém se atreveria a fazer empresas como as nossas.

A estupidez tinha me dominado por completo. Creio que uma grande razão para o meu extravasamento infantil foi o fato de ser quase um abstêmio. Não me controlo depois de poucosinhos. É claro que com isso não quero apresentar uma desculpa mas era, devo ressaltar, a inteligência de quem ainda não sei, pondo ao meu alcance as armas contra meus pontos fracos: vinho e mulher. Embora quando uma mulher apareceu na sala eu já não tivesse os olhos bem abertos, lembro-me de perseguir uma saia num corredor estreito em qualquer lugar da casa. Possivelmente a essa hora já nada mais queriam de mim.

Os problemas que enfrento agora me parecem invencíveis. Quando meu ajudante de ordens deu-me conta do que tinha se passado, revelando estarmos detidos, perguntei espantado pelos meus amigos, por que tinham feito aquilo, porque me isolaram. Mas talvez eles mesmos não soubessem de nada. Talvez alguém, que até agora não tenho certeza ter pressentido, tivesse se aproveitado da ocasião e conduzido minha indiscrição aos limites que lhe pareceram necessários. Além disso, com o fato consumado de ter me tornado um informante involuntário, como farei para reparar os danos? ou ainda: adiantaria alguma coisa para mim ou para meus pares? O fato é que fiz revelações e elas abrirão os nossos trunfos a outros que certamente irão se aproveitar deles. Mas o que desejo que de alguma forma ultrapasse essas paredes que me cerceiam, é a minha profissão de desespero e de incôntida vontade de combater novamente pelo meu Rei, o qual gostaria eu tanto que sentisse os protestos de fidelidade que tento enviar.